ORIENTE MÉDIO

Massacre na sinagoga

Palestino dispara contra grupo de israelenses após as orações do Shabbah, dia sagrado para os judeus, em Jerusalém Oriental. Atentado deixa sete mortos e três feridos. Premiê Benjamin Netanyahu visita o local e promete retaliação

» RODRIGO CRAVEIRO

O palestino Alkam Khairi, 21 anos, dirigiu do bairro de At-Tur até o distrito de Neve Ya'akov, ambos em Jerusalém Oriental. Às 20h30 (15h30 em Brasília) de ontem, ele parou o carro em frente à sinagoga Ateret Avraham e disparou contra um grupo de israelenses que deixavam o local, depois das orações de sexta-feira. Em pleno Shabbat, o dia de descanso no judaísmo, e na data em que os judeus lembravam as vítimas do Holocausto, Khairi promoveu um massacre. Foram sete mortos e três feridos. Testemunhas relataram que ele chegou a perseguir quem tentava escapar. Durante a fuga, o palestino atirou contra policiais, que revidaram e o mataram.

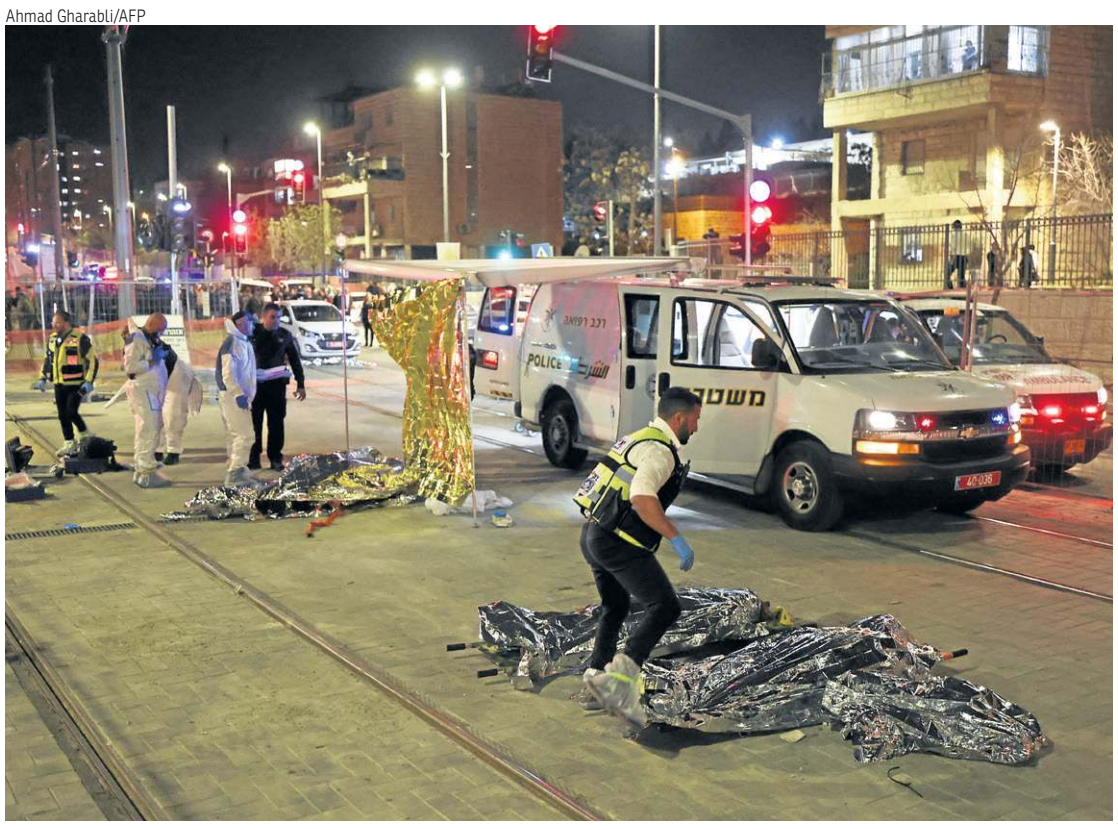
O primeiro-ministro de Israel, Benjanim Netanyahu, visitou Neve Ya'akov — região de colonização judaica do setor de Jerusalém anexado — e prometeu retaliar o ataque, ao classificá-lo como um dos mais mortíferos em vários anos. "Nossos corações estão com as famílias dos feridos e dos mortos. Nós avaliamos a situação e decidimos sobre algumas ações imediatas. Agiremos decisiva e calmamente", declarou.

O chefe de governo também afirmou que o gabinete político de segurança se reunirá, hoje, ao fim do Shabbat. Netanyahu também fez um apelo aos israelenses. "Eu conclamo os cidadãos a não fazerem justiça com as próprias mãos. Para isso, temos um Exército e uma polícia que recebem instruções do gabinete", comentou.

"Sete pessoas inocentes foram assassinadas esta noite, em Jerusalém. Saíam da sinagoga, depois das orações da noite de sexta-feira. Um homem abriu fogo contra elas. No mesmo dia, lembrávamos das vítimas do Holocausto. Não existem palavras suficientes para condenar isso", afirmou ao **Correio**, por telefone, Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil. "Nosso país fará o que tiver que fazer para prevenir esse tipo de ataque. Nós não toleraremos nenhum tipo de atentado terrorista desta natureza."

O movimento fundamentalista islâmico Hamas reivindicou a autoria do ataque. "A operação é uma resposta ao crime conduzido pela ocupação em Jenin e uma resposta natural às ações criminosas da ocupação", disse Hazem Qassem, porta-voz do grupo, ao fazer menção a uma operação militar israelense que deixou 11 mortos no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia, na véspera. Por sua vez, o grupo extremista Jihad Islâmica elogiou o atentado.

Ahmad Gharabli/AFP



Paramédicos cobrem corpos, no meio da rua, em Neve Ya'akov: atirador chegou a perseguir algumas das vítimas

> **Nosso país fará o que tiver que fazer para prevenir esse tipo de ataque. Nós não toleraremos nenhum tipo de atentado terrorista desta natureza"**
>
> ***Daniel Zonshine,*** *embaixador de Israel em Brasília*

Os EUA condenaram a matança, que classificaram como "horrenda". "Nos solidarizamos com o povo israelense", disse o porta-voz do Departamento de Estado, Vedant Patel. O massacre ocorreu às vésperas da visita do secretário de Estado, Antony Blinken, a Jerusalém e a Ramallah, na Cisjordânia. Na noite de ontem, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro divulgou nota em que reitera que "não há justificativa para o recurso à violência, sobretudo contra civis". "O Brasil exorta ambas as partes a se absterem de ações que afetem a confiança mútua necessária à retomada urgente do diálogo, com vistas a uma solução negociada do conflito. (...) O Brasil reitera o compromisso com a solução de dois Estados, com Palestina e Israel convivendo em paz, em segurança e dentro de fronteiras acordadas."

Nas redes sociais, fotos e vídeos mostravam palestinos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia celebrando o atentado de Neve Ya'akov, com fogos de artifício, distribuição de doces nas ruas, buzinaço e gritos de euforia.

ESTADOS UNIDOS

Morte de homem negro reacende tensão

"Nenhuma mãe deveria passar pelo que estou passando", desabafou RowVaughn Wells, ao admitir que ainda não teve tempo de chorar a morte do filho. Em 7 de janeiro passado, Tyre Nichols, um homem negro de 29 anos, foi parado por policiais, acusado de "direção imprudente", em Memphis (Tennessee). Segundo a polícia, houve um "confronto" entre os agentes e o motorista. Nichols fugiu a pé e foi detido em seguida. Hospitalizado, morreu três dias depois — a necropsia encomendada por sua família apontou "extenso sangramento provocado por uma forte surra".

Cinco policiais, negros, foram presos e indiciados por homicídio culposo, agressão e lesões, além de sequestro. Eles pagaram fiança e responderão em liberdade. O caso reacendeu o medo de tensões raciais nas ruas do país. O vídeo da prisão seria divulgado na noite de ontem. "Acho que vão ficar chocados quando virem as imagens", admitiu a chefe da polícia de Memphis, Cerelyn Davis. Familiares e advogados denunciam que Nichols apanhou tanto, que os policiais o deixaram "irreconhecível".

O presidente Joe Biden telefonou para Row Vaughn Wells. A conversa durou 10 minutos. Biden falou sobre as tragédias que se abateram sobre sua própria família. Na quinta-feira, a Casa Branca divulgou nota em que o democrata dizia que a família de Nichols "merece uma investigação rápida, completa e transparente" sobre a morte dele. "Não podemos ignorar que encontros fatais com agentes da lei têm impacto, de forma diferente, as pessoas negras e pardas", declarou o democrata. "A indignação é compreensível, mas a violência nunca é aceitável. A violência é destrutiva e contrária à lei", comentou.

Antonio Romanucci, advogado da família de Nichols, contou ao **Correio** que teve acesso ao vídeo da prisão antes de se tornar público. "Só posso descrever o que vi como algo brutal, selvagem, violento e vulgar. O que aconteceu a um jovem indefeso, que não sabia que crime tinha cometido, é absolutamente perturbador e nojento. Isso nunca deveria acontecer", afirmou, por telefone. "Nichols estava muito perto de sua casa quando a polícia o parou pela segunda vez. Ele gritava por sua mãe, que, claro, não podia ouvi-lo."

De acordo com Romanucci, o tipo de unidade policial que abordou Nichols claramente mirava minorias. "Tyre Nichols foi uma vítima inocente, neste caso. Ele não cometeu nenhum crime." (**RC**)

Scott Olson/Getty Images/AFP



Row Vaughn Wells (C), ao lado da foto do filho Tyre Nichols, entubado

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Todos neste país têm direito ao devido processo legal e ao direito a uma fiança justa. Não vejo razão pelo qual esses (policiais) criminosos sejam tratados de forma diferente de outros criminosos, ainda que suas ações sejam muito perturbadoras."

Antonio Romanucci, advogado da família de Tyre Nichols

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Manobras articuladas na frente atlântica

O primeiro mês do governo Lula termina com a abertura de mais uma iniciativa entre as traçadas para a reinserção do país no cenário global. Na segunda-feira, Brasília recebe o chanceler (chefe de governo) da Alemanha, Olaf Scholz. Uma semana depois de participar da cúpula da Celac, em Buenos Aires, e selar o retorno do Brasil ao mecanismo de integração latino-americano, o presidente move as peças na direção das articulações transatlânticas.

Os dois movimentos têm uma intersecção, que diz respeito à mais imediata das esferas de atuação delineadas para a diplomacia brasileira nos próximos anos. À parte a troca de observações sobre a ameaça representada pela "Internacional de extrema direita", ainda sob o impacto deixado pela intentona golpista de 8 de janeiro, um dos temas centrais do encontro deverá ser o acordo comercial entre a União Europeia (UE) e o Mercosul.

Negociado ao longo de mais de 20 anos, desde o governo FHC, o tratado foi enfim assinado em 2019. Agora, passa pela complicada etapa da ratificação pelos parlamentos dos países-membros de ambos os blocos — quatro aqui, 27 do lado de lá. Superado o período crítico da pandemia, e com o Brasil novamente engajado, a disposição sinalizada nas duas margens do Atlântico é para avançar.

Voz da floresta

Assim como o assalto às sedes dos três Poderes disparou sinais de alerta e mensagens de solidariedade ao país, a visita do chanceler alemão se fará diante dos olhares estarrecidos com as imagens da tragédia dos ianomâmis. Não apenas o aspecto humanitário se entrelaça com os negociações comerciais Mercosul-UE. A agenda ambiental, em especial as mudanças climáticas, domina o debate político europeu, e o desmatamento na Amazônia é peça-chave em qualquer esfera de cooperação.

Na Alemanha, em particular, a presença dos Verdes como segunda força no governo de coalizão chefiado pelo social-democrata Scholz tem expressão no alcance estratégico dado à transição para a economia pós-carbono. Essa perspectiva tende a permear as relações econômicas e comerciais da UE em escala crescente.

À francesa

Esse sistema articulado de interesses e preocupações repondeu por parte substancial da longa conversa que Lula manteve dias atrás, por telefone, com o colega Emmanuel Macron. Também ele às voltas com a sombra da ultradireita, assim como Scholz, o presidente francês tem puxado a fila dos governantes europeus empenhados na adoção de compromissos globais sobre o meio ambiente — começando pelo Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas.

O tema, por sinal, está na raiz do profundo mal-estar estabelecido entre Macron e Jair Bolsonaro — que, nos primeiros meses de mandato, respondeu a críticas sobre o desmatamento com colocações ofensivas à primeira-dama francesa. No telefonema da semana que se encerra, Lula convidou o colega a visitar o Brasil.

Lava em casa

No âmbito interno do Mercosul, a diplomacia brasileira entra em campo agora para aparar arestas e apaziguar temores motivados por declarações e movimentos do presidente uruguaio. O direitista Luis Lacalle Pou desagradou os parceiros, em Buenos Aires, ao questionar a presença de Cuba e Venezuela na Celac. O discurso contrastou fortemente com o tom do novo presidente brasileiro — e com a condenação unânime ao bloqueio econômico imposto pelos EUA a ambos os países.

Na escala que fez em Montevidéu, no retorno a Brasília, Lula abordou um tema ainda mais sensível: o esforço do Uruguai para fechar um acordo bilateral de livre-comércio com a China. A iniciativa não apenas contraria o regimento do bloco, que veta negociações do tipo. Em círculos diplomáticos, há quem diga que a concretização da parceria buscada por Lacalle Pou seria equivalente a "enterrar o Mercosul".

Fiel ao espírito de "lavar em casa a roupa suja", o presidente brasileiro optou, em público, por reconhecer "o pleito justo" do governo vizinho por "inovação e renovação" no grupo sul-americano. Mas propôs como caminho o avanço na direção de um acordo comercial dos quatro sócios com a China.

A vez dos gigantes

Não por acaso, os próximos destinos programados pelo Planalto e pelo Itamaraty são justamente as duas potências que dominam a economia mundial. Em fevereiro, ele deve ir ao encontro do colega norte-americano, Joe Biden, outro desafeto notório de Bolsonaro — e, por tabela, entusiasta maldisfarçado da volta de Lula ao governo. Também com a Casa Branca a agenda inclui a atenção comum à extrema direita, até pela presença do ex-presidente brasileiro na Flórida, desde a virada do ano. A reafirmação do país no cenário da Celac, assim como os acenos claros feitos a Havana e Caracas, são igualmente mensagens enviadas a Washington.

Em março, será a vez de visitar Pequim e olhar de frente para o presidente Xi Jinping — que se dedicou a saudar a cúpula latino-americana com um pronunciamento exibido para os representantes dos 33 países reunidos na capital argentina. A China é atualmente o principal parceiro comercial das principais economias da região e não perde tempo nem oportunidades para ampliar seu espaço, como se vê nas tratativas em curso com o Uruguai.